

UMA VEZ MAIS, KANT E A METAFÍSICA

Apontamentos Críticos

Eduardo Abranches de Soveral
(Universidade do Porto)

I

1. Kant não parte de uma investigação transcendental do conhecimento inteiramente isenta de preconceitos, ou, para usarmos a sua terminologia, não assume a postura crítica inicial que seria de esperar. Na 1ª edição da *Crítica da Razão Pura*, é à luz da prévia e não problematizadora convicção de que todo o conhecimento resulta da síntese de uma forma **transcendental** (ou seja, **subjéctiva**, no mais amplo e radical sentido gnosiológico), e de uma matéria sensível, que vai proceder à análise das estruturas cognitivas do sujeito epistémico. Na 2ª edição, acrescenta a este o pressuposto de que a física-matemática de Newton é indiscutível, e entende que os problemas do conhecimento, assim redutíveis à escala menor da epistemologia da mecânica racional, se limitam àqueles que se constituem quando se pretende fundamentar a indução.

2. Certamente que a tese de que há no conhecimento elementos hiléticos, transmitidos pelos sentidos, e elementos formais, de ordem racional, é das mais pacíficas. Tem o apoio de uma longa tradição e do próprio senso comum.

3. Da mesma forma, a tese correlata — que Kant subscreveu — de que a esses dois vetores gnósticos (o sensível e o racional) correspondem, no Sujeito, faculdades autônomas e irreduzíveis, se não afasta da experiência imediata que temos da nossa vida mental.

4. Pacífico e comum é ainda o princípio segundo o qual cada uma dessas faculdades (**sensibilidade** e **entendimento**, na designação kantiana) utiliza processos cognoscentes próprios, de que resultam, por sua vez, formas distintas de conhecer: na sensibilidade, a **intuição** apreende coisas concretas e singulares; no entendimento, por virtude da atividade judicativa, o **conceito**, que é genérico e formal por sua natureza, exerce o mister de unir esses singulares.

5. Pacífico e comum é também, e por fim, o pressuposto de que a razão desempenha, no conhecimento humano, as funções mais altas. Só ela pode penetrar nas regiões supra-sensíveis e, por via disso, faz sentido

que, no seu regresso, numa “segunda navegação” venha revestida de autoridade para re-avaliar o poder da sensibilidade (a sua eficácia e extensão), no que respeita à apreensão de existentes concretos e singulares.

6. Kant acabou todavia por introduzir neste esquema tradicional que, repetimos, aceitou sem crítica, algo que o alterou profundamente, e que está, a nosso ver, na raiz da “revolução copernicana” que operou nos domínios da gnosilogia; tal aconteceu quando o filósofo passou a considerar o **espaço** e o **tempo** como **intuições puras** e formas **a priori** da sensibilidade, e não como **conceitos**; por isso a dicotomia **forma-matéria deixou de corresponder à distinção entendimento-sensibilidade**, uma vez que já existia no âmbito desta última.

7. A presença destas formalidades na raiz de toda a intuição possível limita irremediavelmente o poder cognitivo da sensibilidade e da experiência, dessa **abertura**, enfim, qualquer que seja o nome que lhes dermos, que expõe o Sujeito ao aparecimento de existentes concretos. Circunscrita aos quadros subjetivos e formais do espaço e do tempo, a **intuição** nunca poderá apreender o existente-em-si.

8. Fica assim reduzida à captação de **fenômenos**, de algo que vale mais pela aparência do que pela substância. Tratar-se-á de meras fantasmagorias? De produtos especialmente vivos e alucinatórios da imaginação?

9. É aqui que entra em jogo a **matéria sensível**, particularmente apta a singularizar-se em existentes espaço-temporais.

Nem a objetividade imposta pelas categorias do entendimento, nem a integração em conjuntos coerentes, nem o consenso intersubjetivo, nem a consonância com a harmônica integração das faculdades do Sujeito — tudo características comuns também às obras-de-arte, que não ultrapassam o plano da aparência significativa — serviriam para dar consistência suficiente aos existentes fenomênicos, distinguindo-os dos fenômenos ilusórios.

10. Tudo isto, observe-se de passagem, por Kant não ter considerado sequer, na “Estética Transcendental” (sem dúvida a parte mais sumária e menos elaborada da “Crítica da Razão Pura”), a hipótese de ser possível caracterizar a **priori** um espaço e um tempo imaginários, próprios da criação artística.

11. No contexto da gnosilogia kantiana, a “Dialética Transcendental” pretende funcionar como contra-prova da tese dogmática de que sem o elemento material apreendido pela intuição sensível, o conhecimento não seria possível. As “antinomias” e os “paralogismos” demonstrariam que, sem esse “lastro”, a razão entraria em conflito consigo mesma, não permitindo chegar a nenhuma conclusão.

12. Mas, qual será o verdadeiro valor dessa contra-prova? Note-se, antes de mais nada, que a questão posta em causa foi esvaziada primeiro de todo o seu alcance gnosiológico positivo: ainda que isso fosse possível, não haveria interesse em demonstrar a existência de entidades supra-sensíveis, designadamente a existência do Absoluto, se a sua apreensão intuitiva, a sua "visão" jamais viesse a realizar-se. Aliás, e rigorosamente, a questão nem sequer teria sentido, no contexto da gnosiologia kantiana, pois uma existência concreta nunca seria captável por via racional; o mais que poderia demonstrar-se seria que a intuição de certo tipo de existentes seria ou não possível, em princípio.

13. De qualquer modo, e concluindo, diremos que o ponto crucial de uma crítica à teoria de Kant consiste em saber se o espaço e o tempo são ou não formas **apriori** da sensibilidade.

14. Mais importante todavia do que o exame minucioso dos argumentos aduzidos pelo filósofo em favor da sua tese inovadora¹, e mais importante mesmo do que as conseqüências a extrair da aceitação dogmática de que o conhecimento humano carece sempre de elementos materiais empíricos, — parece-nos ser o problema da re-avaliação da possibilidade de uma intuição trans-sensível, no contexto, mais amplo, da filosofia contemporânea.

15. Será que a experiência humana conseguirá libertar-se dos quadros do espaço e do tempo? Adiantaremos, desde já, que não se nos afigura legítima a hipótese da ocorrência de "saltos qualitativos" ainda se apoiada, analogicamente, nas diferenças que existem entre os normais e os deficientes sensíveis. (Para um cego de nascença, a visão, designadamente, a apreensão de objetos à distância, seria inimaginável). Até porque pensamos haver entre os diversos sentidos um certo grau de unidade.

16. Seguindo as sugestões que uma análise fenomenológica da experiência transcendental nos daria, julgamos que o nó da questão não consiste em saber se será ou não possível libertarmo-nos do espaço e do tempo, mas verificar que o espaço e o tempo possuem variados e sucessivos níveis qualitativos, e que os existentes, na sua concretude, vão sendo **experimentados** de forma progressivamente mais rica e profunda, consoante os desdobramentos que, a partir dos quadros formais e vazios do espaço e do tempo kantianos, se forem operando.

17. Certamente que a linha desses desdobramentos aponta para as realidades espirituais e para a interioridade subjetiva do homem. Mais precisamente, dirige-se para o Absoluto entendido em termos pessoais, ou seja, aponta para Deus.

18. Vários são os caminhos que hoje se oferecem a essa peregrinação metafísica: os que iniciam a marcha a partir da análise da própria condição de existentes; os que seguem ainda as pistas abertas pelos

grandes idealistas pós-kantianos; e aqueles que, inspirando-se fundamentalmente em Leibniz, perseveraram na tese pré-kantiana de que é possível e necessário passar da ciência à filosofia, e de que, nesta, a disciplina terminal é a teodicéia.

II

19. A ressonância desta temática kantiana foi diversa em Portugal e no Brasil. Naquele não houve correntes nem autores que se tivessem inspirado no grande filósofo alemão; pelo contrário, o movimento filosófico mais pujante e original dos séculos XIX e XX (a corrente metafísica portuguesa centrada nos temas de Deus e do Mal, que integrou nomes como os de Amorim Vianna, Domingos Tarroso, Antero de Quental, Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra) seguiu o terceiro dos itinerários indicados no parágrafo anterior, ou seja, como dissemos, inspirou-se em Leibniz e adotou uma posição pré-kantiana. Deverá assinalar-se, a propósito, o interesse da dialética das noções, de Leonardo Coimbra, que visa permitir a passagem criativa e ascendente, pelos sucessivos planos científicos, conforme a progressiva complexidade dos respectivos objetos, e culmina na **pessoa** que, por sua vez, rompendo as barreiras do próprio egoísmo, graças, designadamente, ao auxílio da filosofia, que é o "órgão da liberdade", se abre ao Absoluto e para ele sobe, solidária com todo o Universo.

20. Mas no Brasil, como Antônio Paim lucidamente defende, o kantismo impressionou profundamente Tobias Barreto e inspirou-lhe uma perspectiva culturalista que se difundiu e chegou aos nossos dias, com Miguel Reale, Djacir Meneses, e outros.

Na sua "História das Idéias Filosóficas no Brasil" (3ª edição, S. Paulo, Convívio/INL, 1984, págs. 580 a 582) A. Paim faz uma análise muito clara do conteúdo doutrinário e dos posicionamentos metodológicos do culturalismo brasileiro, sublinhando os seus vínculos kantianos, designadamente no que respeita à metafísica, e, em especial, ao problema de Deus, que se supõe não poder ser tratado no âmbito da filosofia.

21. Entendemos, pela nossa parte, que o culturalismo não deve cingir-se a uma interpretação "ortodoxa" do formalismo e do fenomenismo da "Crítica da Razão Pura"; pensamos ainda que o tema da cultura, mesmo olhado a partir de Kant, não haverá que inspirar-se só nas noções de **dever-ser** e de **finalidade**, mas levar também em consideração o que, na "Crítica da Faculdade de Julgar", se refere à "harmonia das faculdades".

Julgamos, além disso, que uma filosofia da cultura não é necessariamente tributária do kantismo, embora, na sua gênese histórica, dele tenha recebido decisivas contribuições. E que, havendo na cultura,

como justamente reconhecem os culturalistas, uma essencial dimensão axiológica, será preferível utilizar para o seu estudo, o método fenomenológico, dado que este permite “desnaturalizar” os valores, respeitando-lhes todavia o que possuem de “hilético”, sem cair assim, ao menos imediatamente, nas formalidades subjetivas, típicas do kantismo. Supomos, por último, que sendo, mais fácil e direta, uma ligação da cultura ao tema do homem (haja em vista a antropologia cultural), nem por isso a reflexão filosófica que nela se inspire deixará de ser uma das vias, e das mais gratificantes, que se abre ao espírito, rumo ao Absoluto.

NOTA:

(1) Em resumo muito simplificado, diremos que é a seguinte a razão principal que levou Kant a não considerar o espaço e o tempo como conceitos: se a função do entendimento é a de unificar a pluralidade singular dos existentes, e se essa unificação se faz submetendo tal multiplicidade a um mesmo conceito que expresse algo de comum, então o conceito é genérico por sua natureza, e só porque o é pode exercer o papel que lhe é próprio. Ora, (supõe Kant), não há uma variedade de espaços nem de tempos, mas um único espaço e um único tempo. Na verdade, por muito pouco abstrato e genérico que seja um conceito, faz sempre sentido falar dele no plural; outro tanto não é possível relativamente aos singulares, que assim se anulariam como tais; e é isso que acontece com o espaço e com o tempo; portanto o ato cognitivo que os apreende não é o conceito mas a **intuição**. É claro que a partir desta conclusão se levanta uma série de problemas particularmente difíceis. Se o espaço e o tempo se situam no foro da sensibilidade e da experiência, como poderão ser genéricos e a priori? Qual o sentido líquido da expressão quase paradoxal de **intuição pura**? Qual o papel que nela desempenha a imaginação? Onde buscar os elementos **materiais** das ciências matemáticas? Como se compreenderá, não é esta a oportunidade para demorarmos na análise de tais dificuldades. (Num estudo intitulado “O Problema das Influências de Locke e de Hume em Kant”, Braga, 19, abordei alguns destes temas com um pouco mais de desenvolvimento).